

XXI CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS
Arte, Política e Cidadania na Antiguidade
4 a 8 de dezembro de 2017 - FFLCH, Universidade de São Paulo

PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA “ESTUDOS SOBRE O TEATRO ANTIGO”
COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

Autores

Aline da Silva Lazaro Bragion	3	Jaa Torrano	3
Beatriz de Paoli	4	Karen Amaral Sacconi	4
Carol Martins da Rocha	3	Renata Cazarini de Freitas	2
Clara Lacerda Crepaldi	1	Ricardo Neves dos Santos	4
Felipe Campos de Azevedo	1	Waldir Moreira de Souza Jr.	2
Isabella Tardin Cardoso	5	Wilson A. Ribeiro Jr.	2

Resumos

A partícula *allá* em relatos de mensageiro

Clara Lacerda Crepaldi, Universidade de São Paulo

Resumo. Nas narrativas dos relatos de mensageiro, a partícula *allá* desempenha uma função comparável, ainda que não idêntica, àquela exercida pela partícula *dé* no que E. Bakker apelidou de “syntax of movement” (*Poetry in Speech: Orality and Homeric Discourse*, 1997, p. 54-85). O que Bakker explora são as estratégias que o narrador homérico usa para esquadrihar as sucessivas cenas e mover-se de um a outro *tableau*, deslocando a sua própria atenção e a de seus ouvintes através do tempo e do espaço da narração. Como *dé*, *allá* indica que um novo passo é apresentado ao ouvinte e uma nova informação é ativada na consciência do narrador. Mais especificamente, *allá* marca uma mudança de foco espacial, por exemplo, de um lado a outro em uma batalha, quase como uma mudança de câmera, ou uma progressão temporal a um novo momento da trama. O que parece distinguir *allá* de *dé* é que a primeira também expressa um vago sentido de negação de expectativa advindo das reviravoltas da ação.

A rivalidade poética na comédia antiga: o caso de *Pytine* de Cratino

Felipe Campos de Azevedo, Universidade de São Paulo

Resumo. A comunicação pretende apresentar uma introdução à carreira do comediógrafo Cratino e sua relação de rivalidade com Aristófanes no âmbito das disputas poéticas entre os autores da comédia antiga. O confronto de gerações entre os dois poetas será examinado a partir do testemunho da peça *Pytine*, de Cratino, escrita como resposta a imagem feita do poeta por Aristófanes em *Cavaleiros* e *Acarnenses*, como um idoso e alcoólatra. Essa peça

de Cratino foi apresentada no festival das Dionisiacas de 423 a. C., no qual venceu Nuvens de Aristófanes, derrota mencionada explicitamente na parábase da segunda versão dessa peça, que será abordada também para explorar essa rivalidade.

“Antígona” e “Prometeu” dominam a cena clássica no Brasil em 2017

Renata Cazarini de Freitas, Universidade Federal Fluminense

Resumo. Os termos “resistência” e “rebeldia” aparecem como fundamentais na análise da cena teatral de 2017, considerando-se as montagens de peças da Antiguidade no eixo Rio-São Paulo. “Antígona” e “Prometeu”, peças que têm como protagonistas figuras míticas que reagem à violência do poder, foram constantes no palco este ano, sinalizando que o momento de tensão política e de intransigência ideológica que antecede as eleições majoritárias de 2018 pode ter sido fator preponderante na seleção de peças do repertório clássico para o palco brasileiro de hoje. A partir dos dados levantados desde janeiro pelo blog *Palco Clássico* <http://palcoclassico.blogspot.com.br>, que integra as minhas atividades de pesquisa docente na Universidade Federal Fluminense (UFF) sobre tradução, adaptação e recepção do teatro antigo em solo brasileiro, é possível afirmar que “Antígona”, de Sófocles, e “Prometeu”, de Ésquilo, dominaram a cena. Há o registro de sete diferentes encenações de “Antígona”, sendo duas inéditas e as demais, novas temporadas de montagens anteriores. A “Antígona” protagonizada por Andrea Beltrão, por exemplo, já encenada em várias cidades, está indicada para premiações da cena teatral de 2017. O “Prometeu”, sob títulos variados, recebeu cinco diferentes montagens em São Paulo, duas delas inéditas. Interessa observar ainda que no festival “Pompeii Theatrum Mundi”, realizado entre 22 de junho e 23 de julho de 2017, no Parque Arqueológico de Pompeia, na Itália, também foram encenadas uma versão de “Antígona” e uma de “Prometeu”, ambas associadas pelo diretor Massimo Luconi à imagem da revolta contra o poder violento e destrutivo. A comunicação pretende apresentar um balanço geral das encenações de teatro antigo no eixo Rio-São Paulo em 2017 e consequente análise.

Breve panorama dos dramas satíricos fragmentários de Ésquilo

Wilson A. Ribeiro Jr., Universidade de São Paulo

Resumo. Em ocasiões anteriores foram discutidos os principais paradigmas dos dramas satíricos fragmentários de Eurípides e de Sófocles; nesta oportunidade, serão apresentadas algumas características do enredo dos dramas satíricos de Ésquilo a partir dos fragmentos sobreviventes mais relevantes, notadamente “Amímone”; “Glauco, o deus do mar”; “Pescadores de rede”; “A delegação sagrada” (ou “Nos Jogos Ístmicos”); “Prometeu, o ateador do fogo”; e “Esfinge”.

Hipsípile, As Fenícias, e Antíope: uma trilogia euripidiana?

Waldir Moreira de Sousa Jr., Universidade de São Paulo

Resumo. Talvez uma das perguntas mais intrigantes e escassamente respondida a respeito

do gênero trágico ateniense seja: como se formavam as trilogias? Nas Grandes Dionísias, cada tragediógrafo apresentava três tragédias seguidas de um drama satírico. Sobre essas três tragédias, contudo, pouco se sabe a respeito do elo que tinham uma com a outra. Fariam uma trilogia no sentido do enredo, que seria uma continuidade cronológica? Apresentariam em comum apenas o mesmo *background* mitológico ou temático? Circunscrever-se-iam à mesma família ou conjunto de heróis? Ou, enfim, não necessariamente teriam uma relação entre si? Nesta comunicação, analisarei a suposta trilogia euripídiana formada pelas peças *Hipsípila*, *As Fenícias*, e *Antíope* a fim de descrever e apresentar quais elementos caracterizariam a união, ou separação, das peças dentro de uma trilogia.

Humor e Metalinguagem no Prólogo de *Ândria* de Terêncio

Aline da Silva Lazaro Bragion, Universidade Estadual de Campinas

Resumo. A presente comunicação faz parte de um projeto maior, que defende a necessidade de uma reapreciação sistemática dos prólogos das seis comédias legadas pelo poeta romano Públio Terêncio (Publius Terentius Afer, 185-159 a.C.), à luz da reconsideração que seu drama em geral tem recebido. Aqui, abordaremos o prólogo da comédia *Ândria*, propondo uma interpretação que difere da leitura “literal” normalmente dedicada a tal passagem. Isso porque a consideramos não como pura informação referencial, factual, sobre o contexto do espetáculo, mas já enquanto parte da ilusão dramática (Cardoso 2010, 2011). Nosso intuito, de um lado, é investigar se não haveria uma maior integração entre os prólogos e a ação da peça *Ândria*. De outro, salientaremos a necessidade de se rever as inferências feitas a partir dos prólogos terencianos ora quanto às condições teatrais da época - por exemplo, o estatuto do poeta, do ator e do espectador em Roma antiga (cf. Beare 1964; Parker 1996; Lazaro Bragion 2016) -, ora sobre uma poética imanente inferível do texto do autor romano.

Justiça mítica e política na tragédia *Hécuba* de Eurípides

Jaa Torrano, Universidade de São Paulo

Resumo. A tragédia *Hécuba* de Eurípides documentaria a permanência da concepção mítica de justiça e a complementaridade de vindicta e de justiça judiciária no horizonte político de Atenas clássica?

“Material girls”: a caracterização das meretrizes da comédia *palliata*

Carol Martins da Rocha, Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo. Sabe-se que um dos tipos de personagens marcantes que figura nos palcos das peças de Tito Mácio Plauto (séc. III-II a.C.) e Públio Terêncio Afer (séc. II a.C.), autores da comédia *palliata*, é o da meretriz. Em prólogos dos dois autores, as *meretrices* são descritas como más (*malae*, Pl. *Capt.* 57; Ter. *Eu.* 37). Mas, em seus comentários às peças de Terêncio, datados do século IV d.C., Élio Donato afirma que tal poeta haveria introduzido um

novo tipo de meretriz em suas peças (Gilula, 1980): a *meretrix bona*. No que diz respeito a uma nuance pertinente aos dois tipos, a crítica tende a colocar em destaque a relação da moça com seu cliente, em geral um *adulescens* apaixonado. R. Hunter (1989), por exemplo, aponta que, no cenário plautino, há basicamente dois tipos de *meretrices*: de um lado, as prostitutas independentes (ou seja, que administram seu ofício); de outro, as jovens que trabalham para um rufião, ou, então, que se iludem com as promessas de amor de seus companheiros. Em sua relação com os demais personagens e com o público, o último grupo é normalmente apresentado de forma mais simpática e atrativa, em oposição às *meretrices* do primeiro, caracterizadas como dominadoras. Tomando como ponto de partida, algumas passagens das peças desses dois dramaturgos da República, buscamos discutir o modo como a crítica tem abordado o tipo da meretriz e aspectos da caracterização desse personagem na comédia *palliata*, com enfoque nas estratégias discursivas que permeiam suas falas.

Palavras-chave. Comédia *palliata*; Plauto; Terêncio; meretrizes

Os Convivas, de Aristófanes

Karen Amaral Sacconi, Universidade de São Paulo

Resumo. Comédia de estreia de Aristófanes, *Os Convivas* traz a dupla de irmãos Sensato e Pervertido como representantes da velha e nova educação respectivamente. Pelo tema, é aparentada à comédia *As Nuvens*, que menciona, em sua parábase, o sucesso obtido por sua predecessora junto ao público. Propomo-nos, aqui, a nos debruçarmos sobre seus fragmentos, em especial o mais longo, *fr.* 205, a fim de observar alguns aspectos concernentes ao seu enredo e tema.

O tribunal do Areópago nas Eumênides de Ésquilo: entre arte, política e cidadania

Beatriz de Paoli, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo. Nas *Eumênides*, de Ésquilo, tragédia encenada em 458 a.C., a sucessão de crimes que dizima a família real de Argos e assombra seus cidadãos, num ciclo interminável de justiça retributiva, encontra por fim seu termo quando a deusa Atena institui o tribunal do Areópago para julgar o matricídio cometido por Orestes. Esta comunicação versará sobre como convergem para esse momento solene diferentes divindades e tempos distintos, conferindo-se, assim, legitimidade e um sentido de perenidade a essa importante instituição da Atenas do séc. V a.C.

Palavras-chave. Ésquilo; Eumênides; Areópago.

Prometeu Acorrentado e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e D. Pedro II

Ricardo Neves dos Santos, Universidade de São Paulo

Resumo. A presente comunicação versará sobre os resultados parciais da pesquisa que tenho desenvolvido como mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sob a orientação da Professora Doutora Adriane da Silva Duarte. Tal pesquisa gira em torno

da tragédia Prometeu Acorrentado de Ésquilo e seus tradutores no Brasil; dentre os quais destacamos dois: Dom Pedro II, o último Imperador do Brasil, e João Cardoso de Menezes e Souza, o Barão de Paranapiacaba. O trabalho em andamento está estruturado e dividido em três partes, a saber: 1) transcrição integral da tradução feita por Dom Pedro II da tragédia Prometeu Acorrentado e das duas versões poéticas feitas a partir dela pelo Barão de Paranapiacaba, as quais foram incentivadas pelo próprio Imperador; 2) cotejo crítico entre a Tradução Imperial e as duas versões poéticas feitas pelo Barão; 3) um levantamento das traduções do Prometeu Acorrentado publicadas no Brasil e de seus respectivos tradutores.

Palavras-chave. Tradução; D.Pedro II; recepção.

Abstract. This paper will deal with the partial results of research that I have done as a student in the Graduate Program in Classics of the College of Philosophy, Letters and Human Sciences at the Universidade de São Paulo, under the guidance of Professor Adriane da Silva Duarte. Such research revolves around Aeschylus' tragedy Prometheus Bound and its translators in Brazil; among which we highlight two: Dom Pedro II, the last emperor of Brazil, and João Cardoso de Menezes e Souza, Baron of Paranapiacaba. The work in progress is structured and divided into three parts, namely: 1) full transcript of the translation made by Dom Pedro II of the tragedy Prometheus Bound and the two poetic versions made from it by the Baron of Paranapiacaba, which were encouraged by the Emperor himself; 2) critical comparison of the translation and the two poetic versions made by Baron; 3) a survey of the translations of Prometheus Bound published in Brazil and of the respective translators.

Keywords. Translation; D. Pedro II; reception.

The Enigma of the actor in Plautus' *Bacchides*

Isabella Tardin Cardoso, Universidade Estadual de Campinas

Abstract. At a certain point in the play *Bacchides* the slave Chrysalus compliments *Epidicus*, another comedy by the Roman poet Titus Maccius Plautus. However, the same character criticizes one of the scenic artists who worked in Rome at the time: *Pellio* (*Bacch.* 213-15). These verses have attracted substantial attention from ancient theater scholars. This is because, of the author's remaining twenty-one plays, this reference to Epidicus is the only mention of one of their titles (*Bacch.* 214). The passage also includes the only Plautine mention of the term *actor* (*Bacch.* 213), and also the first record this Latin word. Though some have suggested that this reference does not belong to the original text, the passage in general has been counted as containing valuable information concerning the world behind the scenes of Roman theater at the time. By reviewing some of the arguments presented on both sides, this communication seeks to address a gap in the studies on these verses— namely, their effect on both the plot of *Bacchides* — and on the “metadramatic illusion” constructed in Plautus' work (Cardoso 2005, 2009, 2010, 2011).